

**NIEP  
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>Os desafios do socialismo na América Latina: aproximações teóricas ao pensamento de Ernesto Guevara</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Diogo Prado Evangelista</b>	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	UFVJM	Docente
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O trabalho apresenta uma reflexão do desafio histórico da América Latina – permeada pelas tarefas da revolução nacional e da revolução comunista – a partir das aquisições do conjunto de escritos, cartas e conferências de Ernesto Guevara (o Che), no período de 1959 a 1965. O arsenal da atividade prático-crítico de Che aparece como expressão, primeiro, da continuidade do legado cultural de insurreições sociais populares e militares na região, reconhecida na inconclusa independência política e soberania econômica; segundo, da evidência, a partir da experiência revolucionária de Cuba, que as raízes de todos os males sociais de permanência do estatuto colonial encontram a sua necessária reprodução social na acumulação de capital na era do imperialismo monopolista, destaque, para o imperialismo estadunidense; terceiro, da demonstração de que o processo de supressão do estatuto colonial (revolução nacional) entrelaça nos rumos de transição socialista (revolução comunista). Na base e referência das mazelas sociais da América Latina, emerge e se desenvolve a interlocução crítica de Guevara com o marxismo, principalmente, das obras de Lênin e Marx. Dentre as questões do pensamento de Guevara com o marxismo, a “nação” e o “socialismo” ocupam o nervo central e norteador da exposição deste trabalho em suas derivações temáticas, em que foram relacionadas ao arcabouço teórico da crítica da política de Marx, tais como, a prática política e o Estado na transição socialista; a emancipação política e emancipação humana.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Estado; Nação; Socialismo			
ABSTRACT			
<p>The paper presents a reflection of the historical challenge of Latin America - permeated the tasks of the national revolution and the communist revolution - from procurement set of writings, letters and conferences Ernesto Guevara (Che), in the period 1959-1965. The arsenal of practical-critical activity Che appears as an expression first, the continuity of the cultural legacy of popular social uprisings and military in the region, recognized the unfinished political independence and economic sovereignty, and second, the evidence from the experience of revolutionary Cuba that the root of all social ills of stay of the colonial status find their required social reproduction in the accumulation of capital in the era of imperialism, monopoly, Featured, for U.S. imperialism, third, demonstrating that the process of withdrawal of the colonial status (national Revolution) intertwines the direction of socialist transition (communist revolution). The base and reference of social ills in Latin America, emerges and develops critical Guevara dialogue with Marxism, especially the works of Marx and Lenin. Among the issues the thought of Guevara with Marxism, the "nation" and "socialism" occupy the central nerve and guiding the exhibition of this work in its derivations themes, they were related to the theoretical framework of Marx's critique of politics, such as the practical politics and the state in socialist transition; political emancipation and human emancipation.</p>			
KEYWORDS			
State; Nation; Socialism.			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo e América Latina			

## Os desafios do socialismo na América Latina: aproximações teóricas ao pensamento de Ernesto Guevara

*Diogo Prado Evangelista<sup>1</sup>*

Nas primeiras linhas deste trabalho acadêmico, se impõe a dificuldade de apresentar uma reflexão guevariana nos muros da produção do conhecimento universitário. Pois, obra e vida de Che Guevara percorrem trilhos da história da humanidade que nos desafia a tomar uma posição e compreender o nosso lugar e nosso papel individual nos problemas atuais da América Latina.

A aproximação de Che Guevara com o pensamento marxista-leninista não permeia as teorias de “salão” que consideravam a peculiaridade da “pena” ou “tinta” de Marx e Lênin como mera doutrina abstrata de aplicação na realidade ou adaptação da vida a teoria do valor-trabalho.

O legado cultural e político da América Latina, em seu terreno histórico e particular, aproxima Che Guevara como sujeito histórico de nosso tempo, que teve a força individual e coletiva de negar radicalmente o presente para afirmar o novo, a partir das experiências acumuladas das insurreições latino-americanas, especificamente, de Cuba.

Para Guevara a revolução cubana tem profundas raízes e uma longa caminhada de luta em torno da autodeterminação nacional, cujo um dos ícones desta história latino-americana pode ser expresso pela imagem e atuação política de José Martí<sup>2</sup>. Profundas raízes que expressam não somente a especificidade histórica de Cuba, mas o conjunto de forças sociais combatentes da América Latina.

Segundo Guevara (2009b, p. 14) na conferência, março de 1960, intitulada “Soberania política e independência econômica”, a revolução cubana representa o “[...] triunfo de todos os nossos mártires antecessores, desde José Martí, Antonio Maceo, Máximo Gómez, Calixto García, Moncada ou Juan Gualberto Gómez, que tem antecedentes em Narciso López, em Ignacio Agramonte e Carlos Manuel de Céspedes” (GUEVARA, 2004, p. 165). Triunfo histórico da América Latina na contemporaneidade. De acordo com Ernesto Guevara, as condições objetivas que deram base e justificativa para o processo revolucionário cubano se reproduz em toda a América Latina. Desta maneira, Cuba não é uma exceção histórica, posto que enfrenta as condições objetivas para necessidade revolucionária que pode ser traduzido em poucas palavras: na “FOME DO POVO”.

---

<sup>1</sup> Professor do curso de Serviço Social na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Membro do Grupo de Estudo de Pensamento Latino-Americano. Mestre em Serviço Social na UNESP. Endereço eletrônico: diogoprado@ig.com.br.

<sup>2</sup> José Julián Martí Pérez, criador do Partido Revolucionário Cubano (PRC), um dos organizadores da Guerra de 1895.

[...] para América significa também uma data gloriosa, pode ser a continuação daquele 25 de maio de 1809, em que Morriilo se levantou no Alto Peru, ou pode ser o 25 de maio de 1810, quando o Cabildo Abierto de Buenos Aires, ou qualquer data que marca o início da luta do povo americano por sua independência política nos princípios do século XIX. (GUEVARA, 2004, p. 164)

No seu livro Guerra de Guerrilhas, a experiência insurrecional de Cuba produz lições históricas que refuta a certeza de que o processo revolucionário é, simplesmente, resultado mecânico das condições objetivas e subjetivas da maturidade da acumulação do capital. Para Guevara (2004), as oportunidades históricas podem e devem ser forjadas e aceleradas pelos homens no enfrentamento efetivo de suas questões cotidianas que afligem e reproduzem, viciosamente, a sua miséria social.

Nesta determinação social da revolução cubana, Guevara estuda incessantemente as raízes de todos os fenômenos das mazelas sociais da América Latina, precisamente, de Cuba, para construir coletivamente respostas concretas e reais na transposição das “projeções sociais do exército rebelde” para o “governo revolucionário”. Neste parâmetro, observa criticamente Guevara, o fenômeno do “escolasticismo” na “filosofia marxista”:

Se a isto se agrega o escolasticismo que freou o desenvolvimento da filosofia marxista e impediu o tratamento sistemático do período, cuja economia política não se desenvolveu, devemos convir que ainda estamos no berço e que é preciso dedicar-se a investigar todas as características primordiais deste período antes de elaborar uma teoria econômica e política de maior alcance (GUEVARA, In: SADER, 2004, p. 259).

Ainda se coloca como tarefa “investigar todas as categorias primordiais deste período” da transição revolucionária de Cuba, que desafia o “escolasticismo” das “teorias de salão” do marxismo. Uma situação histórica distinta e própria se impõe para a filosofia marxista na elaboração de uma “teoria econômica e política de maior alcance”.

O peso da revolução cubana para Che Guevara esclarece e rompe com a leitura e tese principal dos partidos comunistas da América Latina, na dissociação de duas etapas revolucionárias: democrática formal burguesa e democracia socialista.

Para Florestan Fernandes (2007), Cuba carrega e impõe para América Latina um novo padrão de civilização. Simultaneamente, demonstra as raízes e gênese comum da dependência econômica e do subdesenvolvimento como expressão máxima do desenvolvimento do capital na sua fase superior, o imperialismo; suprime a divisão mecânica e doutrinária da liberação nacional e comunismo. Desconsiderar ou ignorar esta fato histórico em nome de legalidades abstratas e conceituais do marxismo vulgar significa manter-se preso no ponto de vista do idealismo subjetivo ou no ponto de vista da propriedade privada moderna. Convido-lhes a adentrar em alguns pontos

importantes que perpassam a questão principal deste trabalho: a liberação nacional e revolução comunista na América Latina, a partir do conjunto de artigos, livros, escritos, cartas, conferências e discursos de Che Guevara, que manifesta o seu legado revolucionário comunista e contribuição nas prospecções societárias da América Latina.

## **1. Desafios históricos e o Pensamento de Che Guevara:**

Os dilemas das projeções sociais que influenciaram o pensamento de Che Guevara acompanha a rota de formação e maturidade do seu enfrentamento militante-político das determinações históricas da miséria latino-americana nas diversas facetas de exploração e dominação.

No exílio do México, na aproximação e inclusão do “Movimento 26 de Julho”, liderado por Fidel Castro, o primeiro dilema está de como tomar o poder e o que fazer. Che Guevara no seu pronunciamento do dia 27 de janeiro de 1959, conhecido como “Projeções Sociais do Exército Rebelde”, descreve este momento com relevância, posto que, acreditava na afirmação de alguns princípios norteadores de um projeto societário para o povo cubano. Neste primeiro momento de tensão e cissura do grupo “Movimento 26 de julho”, apresenta a íntima relação entre o aspecto experimental da revolução e o ato consciente dos homens. Aspecto importante, a escolha e tomada de posição de um lado, os que acreditavam se tratava unicamente de tomar poder; de outro lado, aqueles que reconheciam a necessidade da construção de um projeto societário para o povo cubano, o que implicava em valores distintos de toda história colonial de Cuba.

Neste relato do comandante Guevara os princípios da ação revolucionária se renovam e mudam com a experiência viva dos combates e na formação do exército rebelde junto aos camponeses cubanos. O conhecimento de algumas das determinações e raízes do alto índice de mortalidade infantil, o desemprego ou subemprego que desencadeia a necessidade de um projeto societário de liberação nacional para Cuba somente se aprofunda a partir do momento em que consegue caminhar lado a lado aos camponeses que demonstrariam neste processo histórico as bandeiras concretas da luta insurrecional.

Na experiência viva da formação do exército rebelde se desenvolvem, segundo Guevara, algumas melhorias do camponês, no que diz respeito, as escolas nos lugares mais inexecutáveis da região do oriente em Cuba. A cultura e a educação caminhavam juntas enquanto formação naquele momento do avanço revolucionário da guerrilha para o exército popular.

Destacamos este primeiro dilema, a partir dos escritos e relatos de Che Guevara, com a finalidade de apresentar a dinâmica da vida cotidiana na luta social para o esclarecimento do projeto societário. Estava evidente, nas bandeiras levantadas, tais como, a principal: reforma agrária como

supressão das determinações coloniais ou neocoloniais para a liberação nacional. Não aparece, nos escritos estudados, nenhum vacilo ou dúvida de que esta liberação nacional e luta anti-colonialista poderia ser um papel desempenhado pela burguesia “criolla”. Na medida em que avança a luta guerrilheira, a certeza na força combatente e revolucionária do povo cubano, mantida nos momentos críticos por Fidel Castro, ignora a problematização mecanicista ou doutrinária do “etapismo” comunista.

A conquista de Las Villas expressa, muito bem, esta última consideração. Para Guevara, a tarefa principal em Las Villas era a formação de uma unidade revolucionária com outras organizações de políticos opositores e de esquerda em Cuba. Embora, a “enfermidade do sectarismo” estava presente dentre as organizações e nos debates que atenuavam a unidade revolucionária, o propósito maior e decisivo da força popular dos camponeses no exercito rebelde possibilitou a trama das doutrinas abstratas comunistas para as demandas imediatas da derrubada decisiva do poder autocrático.

A ocupação de Las Villas permitiu no processo revolucionário cubano, ensaiar e realizar algumas reformas, inclusive a redação provisória de medidas constitucionais da lei n.º 3 da Reforma Agrária.

As reformas sociais adquirem frentes importantes na luta anti-colonialista, pois permite, o esclarecimento de que para aprofundar a emancipação nacional diante do monopólio militar, político e econômico estadunidense, a luta anti-colonialista se articula a luta anti-imperialista. O que, mais tarde, resulta na síntese do fardo e desafio histórico da América Latina: a luta anti-colonialista e anti-imperialista como via de transição socialista para o comunismo.

Antes de avançar neste conjunto de problemas, se coloca algumas questões: por que Che Guevara considera a reforma agrária como central para a luta anti-colonialista? Por que, o movimento revolucionário tem como protagonista histórico o camponês? Por estas razões, a via cubana distancia Che Guevara do marxismo ortodoxo?

### ***1.1. Revolução Agrária:***

Para responder tais questões, basta observar a correlação entre o latifúndio e o subdesenvolvimento na América Latina.

O subdesenvolvimento latino-americano aflige a maior parte de sua população nas condições de reprodução social de extrema miséria material e espiritual. Um flagelo secular deste continente forjado nas entranhas de sua riqueza social levanta os impérios das grandes nações desenvolvidas que desempenham a atividade militar e econômica de assegurar a ampliação “bestial” das relações sociais de exploração do homem pelo homem. O subdesenvolvimento é o

desenvolvimento capitalista da América Latina. O flagelo da “fome do povo” perpetua com novas determinações econômicas em velhas formas de estruturas sociais do estatuto colonial. A figura viva do latifúndio ocupa um lugar central, em sua renovação e absorção de novos padrões de acumulação do capital, assegura a permanência dos “condenados da terra”, dos “humildes”, dos “anões” descompassados de “cabeças grandes” resistentes em respirar, obedecer e sangrar.

Embora, o latifúndio seja a demonstração viva do estatuto colonial permanente na América Latina, nos bolsões desérticos de relações sociais organizadas em estamentos; de produção alheia as necessidades sociais internas dos trabalhadores e camponeses. O monopólio da terra, nos alerta Guevara, está vinculado às dinâmicas e necessidades do capital financeiro, o imperialismo neste território continental.

Em Cuba, o latifúndio da cana-de-açúcar possui traços explícitos desta nova dinâmica entre a monocultura no ocaso da colônia espanhola para a dominação colonial indireta estadunidense. A tecnologia, os créditos, as dívidas públicas e a expropriação nacional e apropriação estadunidense são marcas da produção açucareira.

Desta maneira, a reforma agrária é uma revolução agrária, pois tem a finalidade social de supressão do estatuto colonial para abertura de novas relações sociais de produção, isto é, novas formas de propriedade.

[...] Mas a revolução agrária não está completa com a lei número 3. Para isto, é necessário ditar regras contra o latifúndio como precípua a constituição. Há que definir exatamente o conceito de latifúndio que caracteriza nossa estrutura agrária e é fonte indiscutível do atraso do país e de todos os males para as grandes maiorias campesinas [...] (GUEVARA, 2004 p. 131)

Vale a pena destacar, a orientação de Che Guevara para o processo de proscricção do latifúndio: a obra das massas campesinas devem ter condições de organizar e impor a lei de proscricção do latifúndio, como meios democráticos avançados e rápidos de expropriação da terra para ampliar o processo da reforma agrária como revolução social, como expressão da democracia armada e popular.

Os flagelados do campo, de acordo com Che Guevara, são produtos autênticos deste capitalismo na América Latina. Estes deserdados da terra carregaram nos ombros o passado da formação colonial, ao mesmo tempo, sofrem com as novas exigências do capitalismo monopolista. Não há resposta e nem lugar sob o sol. Por isso, não é difícil compreender o eco espontâneo da reforma agrária enquanto bandeira da luta anti-colonialista e, conscientemente, como luta anti-imperialista, transitando da mira ao império estadunidense para a construção de uma nova sociedade.

Neste sentido, a reforma agrária rompe com a monocultura e abre para a diversificação da produção agrícola, como justiça social de produção agrícola para e pelo povo. O fortalecimento do mercado interno, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da indústria são condições e pautas para prosseguir na liberação nacional em sua autodeterminação política e econômica no cenário mundial. Portanto, a revolução agrária, entrelaça com o processo de industrialização como uma segunda etapa necessária<sup>3</sup>.

O processo de ampliação e efetivação da revolução agrária está correlacionado com toda a atividade econômica. Os “muitos problemas” do processo necessário da “industrialização” de Cuba perpassam com o desafio de elaborar medidas de proteção desta “indústria nascente” e “um mercado interno capaz de absorver as novas mercadorias”. Um dos dilemas da liberação nacional da revolução cubana pode ser expresso da seguinte maneira:

[...] Seguimos sendo um abastecedor de matérias-primas buscadas pelos mercados internacionais, isto é, continuamos sendo exportadores, buscadores de divisas, ou nos convertemos em produtores das matérias primas e dos produtos manufaturados que necessitamos para nosso consumo interno” (GUEVARA, 2004, p. 134)

As campanhas nacionais pela “batalha agrícola e industrial” tiveram a finalidade de construir economicamente formas de “autoabastecimentos de arroz, algodão, azeites vegetais e produtos lácteos”; assim como, para a “criação de fontes produtoras de matéria-prima para uma indústria nacional” e nas tentativas de reaproveitamento do “sucroquímica” da cana como fontes de energia.

## ***1.2. Problemas econômicos e sociais da revolução cubana***

Se vamos ao desenvolvimento de um programa de industrialização, o que é o mais importante para alcançá-lo? (GUEVARA, p. 134)

As escolhas para o processo de industrialização permeiam os interesses e necessidades do mercado mundial ou os interesses e necessidades do povo cubano? Desenvolver a indústria na libertinagem mercantil ou na planificação do controle do Estado? A liberação nacional corresponde à recuperação das fontes de energia, da comunicação, do transporte, dos minérios, das terras. O que impõe, decisivamente, um conjunto de forças sociais do povo e do Estado para garantir e enfrentar a reação contra-revolucionária. Para Che Guevara (2004, p. 134), a “[...] recuperação nacional tem que destruir muitos privilégios e por isto temos que estar apurados para defender a nação de seus inimigos declarados ou ocultos”.

---

<sup>3</sup> Ver Guevara (2004) no Discurso no Banco Nacional, 29 de janeiro de 1960.

A revolução agrária e o processo de industrialização tornam-se estratégias concretas para superar o estatuto colonial e romper com os monopólios que sacrificavam o povo cubano. Processo que encontra no Estado, o controle social necessário para dinamizar a economia sob os interesses dos trabalhadores urbanos e rurais.

Devido o predomínio que na organização da produção agrícola mantinha o latifúndio e as enormes plantações de cana-de-açúcar organizadas de forma capitalista, foi relativamente fácil converter este tipo de unidade em granjas estatais e cooperativas que abarcavam enormes extensões de área. Por esta via, Cuba evitava o lento processo pelo que hão passado outras revoluções agrárias: repartir as terras num número fantástico de minifúndios e depois começar a agrupação dos mesmos com o objetivo de aplicar técnicas modernas, que somente são possíveis a certas escalas de produção. (GUEVARA, 2004, p. 380)

O resultado provisório destas transformações radicais na sociedade cubana correspondeu a diversificação da produção versus o monocultivo, o pleno emprego versus “braços ociosos”. Entretanto, esta diversificação da produção agrícola, resultou também, numa redução da produção açucareira, o que desencadeou uma crise econômica. Ademais, a industrialização como forma de substituição das importações e criação do mercado interno permitiu o aumento do emprego e medidas protecionistas para o processo de independência econômica; simultaneamente, o bloqueio estadunidense limitou a reprodução das peças de reposto e os recursos naturais necessários para a escala de produção industrial.

De um lado, o avanço para a independência econômica. “[...] Algumas fábricas têxteis, instalações extrativas e químicas e o amplo auge da busca de novos recursos mineiros, significam êxitos no uso eficiente dos recursos naturais e matérias-primas de origem nacional.” (GUEVARA, 2004, p. 382)

De outro lado, alguns insucessos no planejamento das plantas industriais. “[...] Em muitas destas plantas, posteriormente, se detectou que sua eficiência técnica em termos internacionais resultava insuficiente e que seu efeito líquido de substituição de importações era bastante limitado, já que as matérias primas para opera-las não se produziam nacionalmente.” (GUEVARA, 2004, p. 382)

Neste momento, a economia cubana se reorganiza a partir da produção agrícola da cana-de-açúcar, como produto principal e motor do desenvolvimento econômico necessário da nação cubana. Neste momento histórico, Cuba fortalece sua economia, na base da produção de cana-de-açúcar, numa planificação interna (revolução agrícola e industrialização) e externa com o bloco internacional socialista (URSS, Republica Popular da China, República Popular Democrática do Vietnã, etc.)

Os desafios da liberação nacional de Cuba e sua transição socialista permeiam as tarefas de independência econômica e soberania política diante do imperialismo estadunidense, ao mesmo tempo, as necessidades de avançar para a liberação dos seres humanos e suas capacidades criadoras. No entanto, Che Guevara, reconhece este processo histórico como “[...] um fenômeno novo: o advento da revolução socialista num só país, economicamente atrasado, com vinte e dois milhões de quilômetros quadrados, pouca densidade de população, acentuação da pobreza pela guerra, e, como se tudo isto fosse pouco, agredido pelas potências imperialistas”. (GUEVARA, 2004, p. 281)

## **2. Revolução Cubana: a nação o internacionalismo Comunista**

A revolução cubana nos ensina que enfrentar as raízes das mazelas sociais da América Latina, em sua continuidade colonial dentro dos novos padrões de reprodução ampliada do capital, percorre caminhos específicos e paralelos: liberação nacional e transição socialista. Esta lição demonstra a necessidade da organização de forças sociais movidas pelos interesses, capacidades e necessidades dos trabalhadores de Cuba como condição material para a realização concreta das reformas sociais. O Estado permanece como força política de organizar e centralizar as decisões, o controle e direção deste movimento histórico. O poder popular encontra sua expressão no governo revolucionário.

### ***2.1. Democracia socialista e Reforma Universitária***

Nos destaques anteriores da revolução agrícola e da industrialização, cabe aqui, apresentar brevemente, a incidência e integração destas reformas nas mudanças radicais da cultura e da educação do povo cubano. As reformas universitárias aparecem como substanciais para a recuperação nacional, assim como, para a transição socialista. O Estado, neste episódio histórico, cumpre o papel centralizador de integrar universidade e governo revolucionário.

Desta maneira, o papel centralizador do Estado, desempenha a tarefa de correlacionar os interesses e necessidades do aprofundamento da liberação nacional, tais como, a revolução agrícola e a industrialização, com as profissões, conteúdo e conhecimento da universidade. Quais profissões, conhecimentos e técnicos são necessários? Che Guevara, pergunta: precisamos de mais advogados para consolidar a independência da pátria? Para avançar nesta luta anti-colonial, Che Guevara, corresponde a levar a universidade para os campos, cidades, na medida em que possibilita a inserção dos camponeses, trabalhadores urbanos, etc. na universidade. O que leva numa mudança

de direção política e ideológica, posto o movimento reacionário, daqueles que ocuparam este espaço majoritariamente: filhos da classe média.

[...] Porque o único que pode, neste momento, precisar com alguma certeza qual será o número de estudantes necessários e como vão ser dirigidos esses estudantes das distintas carreiras da Universidade, é o Estado. Ninguém mais que ele o pode fazer; por qualquer organismo, por qualquer instituto que seja, mas tem que ser um instituto que domine completamente todas as diferentes linhas de produção e este ao tanto também das projeções da planificação do Governo Revolucionário (GUEVARA, 2004, p. 139).

No debate em torno das escolhas/vocações profissionais e da autonomia da universidade, Che Guevara (GUEVARA, 2004, p. 140), afirma a natureza e direção da ditadura do governo revolucionário.

Mas centralizando o tema no estudo, no direito a estudar e no direito a escolher uma carreira de acordo com uma vocação, tropeçamos sempre no mesmo problema: Quem tem direito a limitar a vocação de um estudante por uma ordem precisa estatal? Quem tem direito a dizer que somente podem sair 10 advogados por ano e devem sair 100 químicos industriais? Isto é ditadura, e está bem: é ditadura. Mas é a ditadura das circunstâncias a mesma ditadura que existia antes em forma de exame de ingresso ou em forma de matrículas, ou em forma de exames que foram eliminando os menos capazes? É nada mais que mudar a orientação de estudo. O sistema neste caso permanece idêntico, por que o se fazia antes é tratar de dar os profissionais que iriam sair a luta pela vida nos diferentes ramos do saber. Hoje se mudam por qualquer método: exame de ingresso, ou uma qualificação prévia; em fim, o método é o de menos. E se trata de leva-lo para caminhos que a revolução entende que são necessários para poder seguir adiante com nossa tarefa técnica. E creio que isso não pode provocar reações. E salta a vista que a integração da Universidade com o Governo Revolucionário não deve provocar reações.

Uma concepção e afirmação da ditadura da escolha segundo as necessidades e capacidades do processo revolucionário de aprofundar a educação, a cultura, a saúde, a alimentação para o povo cubano. A ditadura de direcionar as escolhas não pela competição e pelo individualismo, balizado pelo mercado, mas pelas profissões, conhecimentos necessários para avançar na revolução agrícola e na industrialização como elementos importantes, de recuperar toda a riqueza, recursos e energias naturais e sociais para a nação cubana. A ditadura que integra universidade, governo revolucionário e a economia. A direção determinada de garantir a democratização da universidade para os camponeses e trabalhadores de Cuba.

Nas forças políticas do Estado do Governo Revolucionário, as transformações na educação e cultura, alinham e integram as reformas sociais, como suporte técnico e científico para as mudanças na indústria e no campo. Porém, as reformas da educação democratizavam o

conhecimento e informação para o povo humilde e analfabeto de Cuba. Um processo de conteúdo que pretende, para além do acesso, firmar os dilemas da vida cotidiana deste povo no conteúdo da universidade. Forma e conteúdo de superar os estigmas do estatuto colonial e criar condições para as escolhas conscientes das ações dos homens nesta longa caminhada.

Cabe agora, apresentar a correlação entre as exigências da liberação nacional com a ofensiva socialista internacional. Como, no pensamento de Che Guevara, se articula a luta pela independência da Pátria e o movimento internacional do comunismo?

## **2.2. *O internacionalismo comunista de Che Guevara***

A concepção de Che Guevara em torno da revolução cubana, desafios e transições históricas, não se reduz aos aspectos internos e singulares de Cuba, mas diz respeito, ao “hermanos de América”, precisamente, os da mesma “situação econômica” e “categoria agrária”. O destino de Cuba compartilha com o futuro desta América. Com convicção, pergunta Che Guevara (2004, p. 227), “[...] qual será nosso futuro, que está ligado intimamente a de todos os países subdesenvolvidos da América Latina?”. Novas determinações históricas se produzem, a partir da revolução cubana, para todos os “países subdesenvolvidos da América Latina”. Além, de um denominador comum de todas as mazelas sociais, a frente revolucionária da luta anti-colonialista adquirir uma nova consciência e novas adversidades sociais. A “[...] Revolução não está limitada a nação cubana pois havia tocado a consciência de América e havia alertado gravemente aos inimigos de nossos povos.” E, continua, “[...] Como somos um país pequeno necessitamos do apoio de todos os povos democráticos e especialmente da América Latina.” Está claro para Che Guevara, o papel de “vanguarda e baluarte de novas ideias” que Cuba representa para América Latina. Novas ideias que “encarnam no povo, que se faz carne no povo e que dão a força suficiente para resistir os embates de um inimigo, todavia, muito poderoso.” As “perspectivas” e os “deveres” da revolução cubana perpassa, segundo Che Guevara, por uma dimensão internacional, compreendido no estudo em duas características centrais. Primeiro, a evidência internacional das raízes dos problemas da América Latina, especificamente, as formas de enfrentamento do bloqueio internacional estadunidense e as determinações do capitalismo monopolista. Segundo, dentre as questões que assolam a população latino-americana, a emancipação humana se traduz no caminho como única maneira de avançar na liberação nacional. O comunismo não aparece como um conceito abstrato e morto na dinâmica da história, mas como uma perspectiva necessária que aprofunda a liberação dos seres humanos de sua condição colonial para uma afirmação como ser social. Em resumo, suprimir a exploração colonial exige anular todas as formas de exploração do homem pelo homem; uma distribuição da riqueza social equitativa para todos os “ingressos da nação” numa “produção

crescente” para o “povo”, terá que adquirir numa fase superior do socialismo, o critério de “cada um segundo sua capacidade e recebe segundo sua necessidade”. (GUEVARA, 2004, p. 228)

Embora, Che Guevara tenha neste segundo aspecto o horizonte da luta social e revolucionária, nos chama a atenção para as mediações necessárias nesta transição societária. Um senso de realidade determina sua estratégia: “[...] estamos distante do momento em que podemos dizer que havemos construído o socialismo e muito mais distante do momento em que podemos desenvolver a ultima etapa do caminho.” (GUEVARA, 2004, p. 228)

Vale a pena, trazer neste momento algumas considerações de Che Guevara, em torno destas mediações e especificidades históricas da transição socialista para toda a América Latina.

No esquema de Marx<sup>4</sup> se concebia o período de transição como resultado da transformação explosiva do sistema capitalista destrocado por suas contradições; na realidade posterior se tem visto como se desgalham da arvore imperialista alguns países que constituem as cadeias débeis, fenômeno previsto por Lênin. Nestas, o capitalismo se tem desenvolvido o suficiente para sentir seus efeitos, de um modo ou de outro, sobre o povo, mas não são suas próprias contradições as que, esgotadas todas as possibilidades, faz saltar o sistema. A luta de liberação contra um opressor externo, a miséria provocada por acidentes estranhos, como a guerra, cujas consequências faz recair as classes privilegiadas sobre os explorados, os movimentos de liberação destinados a derrocar regimes neocoloniais, são os fatores habituais de desencadeamento. A ação consciente realiza o resto. (GUEVARA, 2004, p. 416-417)

Os países latino-americanos como cadeias débeis das contradições explosivas do sistema capitalista, redimensionam as considerações de Marx, em torno da transição socialista, carrega fenômenos novos para se organizar e teorizar em torno da revolução radical social.

[...] guerras entre Costa Rica e Nicarágua; a segregação de Panamá; a infâmia cometida contra Equador em sua disputa contra o Peru; a luta entre Paraguai e Bolívia; não são senão expressões desta batalha gigantesca entre os grandes consórcios monopolistas do mundo, batalha decidida quase completamente a favor dos monopólios norte-americanos depois da Segunda Guerra Mundial. Daí em diante o império se tem dedicado a aperfeiçoar sua possessão colonial e a estruturar o melhor possível todo o andaime para evitar que penetrem os velhos ou novos competidores de outros países imperialistas. (GUEVARA, In: SADER, 2004, p. 63)

Os efeitos do capitalismo, que não acirram diretamente suas contradições explosivas e antitéticas do sistema, recaem sobre os ombros e sangue do povo, que na luta de “liberação contra um opressor externo” pela derrocada dos “regimes neocoloniais” desencadeiam os aspectos do anti-imperialismo e de emancipação da sociedade capitalista. No entanto, o destaque para este salto

---

<sup>4</sup> Che Guevara se refere a “Crítica do Programa de Gotha” de Karl Marx.

qualitativa da liberação nacional, tem a “ação consciente” como condição substancial do processo revolucionário.

[...] não pode ver o comunismo meramente como o resultado de contradições de classe numa sociedade de alto desenvolvimento, que caminha a resolver-se numa etapa de transição para alcançar o cume [...] o homem é o ato consciente da história. Sem esta consciência, que engloba a de seu ser social, não pode haver comunismo. (GUEVARA, 2004, p. 279)

De acordo com Che Guevara, a revolução não se reduz a fórmulas conceituais e mecânicas de alcançar as condições objetivas e subjetivas necessárias. A ação consciente dos homens podem aproveitar as situações revolucionárias espontâneas e torná-las conscientes ou construir efetivamente formas de acelerar as contradições imanentes do capital.

[...] O comunismo é uma meta da humanidade que se alcança conscientemente; logo, a educação, a liquidação dos estigmas da sociedade antiga na consciência do povo, é um fator de suma importância, sem esquecer, que sem avanços paralelos na produção não é possível chegar a tal sociedade. (GUEVARA, 2004, p. 283)

Na liberação nacional as reformas estruturais devem liquidar os estigmas do estatuto colonial, na mesma medida, em que suprimi as formas de ser da sociedade capitalista. Esta dimensão pedagógico-educativa do processo revolucionário, como ato consciente dos homens no controle e decisões individuais, somente é possível, a partir de avanços na produção material. O Estado como força de decisão centralizadora permite um controle e planificação do processo produtivo de acordo com os imperativos categóricos deste horizonte societário. Porém, a permanência desta forma de controle estatal na vida social, limita, simultaneamente, o avanço do ato consciente dos homens; seja na base econômica, seja na base política-estatal.

Corre-se o perigo de que as árvores impeçam de ver o bosque. Perseguindo a fantasia de realizar o socialismo graças às armas que nos legou o capitalismo (a mercadoria como célula econômica, a rentabilidade, o interesse material individual como alavanca, etc.), pode-se chegar a um beco sem saída. Pode-se percorrer uma longa distância na qual os caminhos se cruzam muitas vezes e onde é difícil perceber o momento em que se errou o caminho. Entretanto, a base econômica adaptada fez seu trabalho de corrosão sobre o desenvolvimento da consciência. Para construir o comunismo, simultaneamente com a base material há que fazer o homem novo. (GUEVARA, In: SADER, 2004, p. 253-254)

Embora, seja considerada uma “fantasia” a “mercadoria” e a “rentabilidade econômica” encontra continuidade do processo de transição socialista. O Governo Revolucionário de Cuba criou mecanismos para substituir “interesse material individual como alavanca” pela forma cooperativa do controle estatal. Dois movimentos, simultâneos, se processaram na estratégia política e

econômica: lei do valor e planificação política. A base internacional do “bloco socialista” se tornou num “apoio monolítico”, que Che Guevara compreendeu como maneira de substituir as legalidades imanentes do mercado mundial.

[...] cremos que, particularmente numa sociedade de comercio exterior muito desenvolvido, como a nossa, a lei do valor em escala internacional deve reconhecer-se como um fato que rege as transações comerciais, ainda dentro do campo socialista e reconhecemos a necessidade de que este comércio passe já a formas mais elevadas nos países da nova sociedade, impedindo que se aprofundem as diferenças entre países desenvolvidos e atrasados pela ação do intercâmbio. Vale dizer, é necessário encontrar fórmulas de comercio que permitam o financiamento das inversões industriais nos países em desenvolvimento, ainda que isto contravenha os sistemas de preços existentes no mercado mundial capitalista, o que permitirá o avanço aparelhado de todo o campo socialista, com as naturais consequências de eliminar as austeridades e tornar coeso o espírito do internacionalismo proletário. (GUEVARA, 2004, p. 292)

Neste bloco socialista, a “lei do valor” na determinação de um “novo” sistema orçamentário internacional, no parâmetro do controle consciente socialista, propõe o financiamento dos países desenvolvidos para a liberação nacional dos países atrasados.

Nesta transição histórica, a apropriação e continuidade de elementos capitalistas, tais como, a mercadoria, o dinheiro, persistem acompanhadas por medidas de diluição e superação no “novo” sistema orçamentário internacional. A coesão do espírito do internacionalismo proletário encontra lugar nas equações e fórmulas de comércio necessárias para dar continuidade e aprofundar às reformas anti-colonialistas.

Na exposição de Che Guevara “Sobre o sistema orçamentário de financiamento”, as determinações econômicas para as “inversões industriais nos países em desenvolvimento”, precisamente Cuba, se destaca pela proposta e tentativa de contrapor os “sistemas de preços existentes no mercado mundial capitalista” para avançar o campo socialista. Vale a pena destacar, que o critério deste metabolismo social entre as riquezas e produção dos países socialistas, segundo Che Guevara, está no desenvolvimento do ato consciente dos homens nas instituições socialistas. O “[...] individuo humano e os problemas de sua liberação como ser social” aparece como núcleo central da estratégia. Para Che Guevara (2004, p. 279). , a “[...] mecânica das relações de produção e sua consequência; a luta de classes, oculta em certa medida o fato objetivo de que são homens os que se movem no ambiente histórico. Agora nos interessa o homem”.

## **Algumas conclusões**

Na América Latina a revolução nacional continua como tarefa a ser cumprida e realizada, porém, distinto da revolução burguesa democrática e republicana das vias clássicas de entificação do capitalismo, tais como, a revolução francesa. A revolução nacional tem como protagonista os trabalhadores e camponeses. É necessário se atentar para esta distinção e especificidade do peso e importância da construção de “Nação” na estrutura social do capitalismo na América Latina.

No que apresentamos neste trabalho, a liberação nacional dos países da América Latina percorre um caminho de permanência do estatuto colonial na nova dinâmica do capitalismo monopolista, como parte estrutural do capital. O processo de luta pela independência e autodeterminação dos povos da América Latina adentra nas entranhas e contradições da acumulação do capital. O que impõe limites para a permanência da “Nação” como finalidade última do processo de descolonização. A luta anti-colonialista e afirmação da “Nação” abarca a luta socialista como via de superação das dificuldades da soberania nacional no capitalismo.

A descolonização profunda perpassa por diversos momentos na transição para autodeterminação dos povos como “Nação”, tais como, expropriação dos latifundiários, ruptura com os negócios de espoliação e monopólio do mercado externo e interno, que desconsideram as necessidades vitais e sociais da maior parte da população. No entanto, na ofensiva de descolonização temos a radical questão de estabelecer neste processo novos princípios e determinações históricas de relações sociais; construir estratégias de organização na produção e reprodução da vida que desencadeia elementos cruciais para abrir perspectivas reais e concretas no presente de um novo patamar societário. De um lado, temos a continuidade de elementos da civilização moderna burguesa. De outro, processos de descontinuidades nesta continuidade, que forjam o “homem novo”.

No que diz respeito ao Estado, nos escritos de Che Guevara, o poder político é imprescindível para a transição socialista, ao mesmo tempo, a sua permanência reconstitui todas as premissas da necessidade do Estado como poder político e oficial da sociedade civil burguesa, a propriedade privada moderna. Estas contradições demonstram que a revolução nacional como momento da revolução socialista, coloca nos horizontes da luta social nos dias atuais a tarefa de afirmar a autodeterminação dos povos numa integração social e mundial; A permanência do Estado, consiste num fluxo de expropriação e rupturas com as forças sociais de opressão e exploração, assim como, a “anulação” do antagonismo do homem com seu trabalho, produto do seu trabalho e consigo mesmo; dissolver as forças políticas na medida que o ação consciente dos homens ocupam todas as dimensões de sua vida como ser social.

Cabe nestas considerações finais, a indicação da continuidade de lutar pela abertura de novos caminhos, tanto no aprofundamento de estudo e pesquisa do Estado e Nação na América Latina, como na evidência histórica e prática de que, nas inflexões da revolução cubana, a particularidade histórica deste continente entrelaça com os desafios da história universal.

## Referências

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

\_\_\_\_\_. *Poder e contrapoder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GUEVARA, Ernesto. *Obras escogidas*. Santiago de Chile: Resma, 2004.

\_\_\_\_\_. *Textos políticos*. 4. ed. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_. *Textos revolucionários*. 4. ed. São Paulo: Global, 2009a.

\_\_\_\_\_. *Textos econômicos*. 3. ed. São Paulo: Global, 2009b.

KOHAN, N. *El Che y el marxismo latinoamericano*. [s/n] Disponível:

<<[http://www.archivochile.com/America\\_latina/Doc\\_paises\\_al/Cuba/Escritos\\_sobre\\_che/escritosso breche0182.pdf](http://www.archivochile.com/America_latina/Doc_paises_al/Cuba/Escritos_sobre_che/escritosso breche0182.pdf)>>. Acesso em: 20 set. 2013.

\_\_\_\_\_. *Che Guevara: el sujeto y el poder*. [s/n]. Disponível:

<<[http://www.archivochile.com/America\\_latina/Doc\\_paises\\_al/Cuba/Escritos\\_sobre\\_che/escritosso breche0032.pdf](http://www.archivochile.com/America_latina/Doc_paises_al/Cuba/Escritos_sobre_che/escritosso breche0032.pdf)>>. Acesso em: 20 set. 2013.

\_\_\_\_\_. *Marx em su (tercer) mundo: hacia um socialismo no colonizado*. Buenos Aires: Biblos, 1998.

\_\_\_\_\_. *Em la selva: los estudios desconocidos del Che Guevara*. Caracas, República Bolivariana de Venezuela: [s.n.], 2011.

LOWY, Michael. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

PÉREZ, Manolo Monereo. *Che Guevara: a contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SADER, Eder (Org.). *Che Guevara: política*. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2004.

TAIBO, Paco Ignacio. *Ernesto Guevara: também conhecido como Che*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.